



Dilson Brito da Rocha*
Audrey de Moura Silva Galeli**

RESUMO

Nosso objetivo no presente estudo é investigar como, na linha filosófica da Fenomenologia, Heidegger versou sobre uma analítica da existência, entendendo o sentido do ser a partir da relação com o mundo, onde o ser está lançado e é afetado. Partindo daí, escreveu sobre as tonalidades afetivas, sendo elas ligadas à existência e ao cotidiano, como, respectivamente, angústia e tédio. Em meio à cotidianidade o Dasein já se encontra imerso em significados do mundo que o limitam enquanto ente, como um objeto. E sua existência, quando reduzida a uma coisa, um objeto, traz a tonalidade afetiva do tédio, em que o ser-á acaba experimentando seu tempo de maneira alongada, como uma cansativa experiência de si mesmo, ao ponto de ser insuportável lidar com seu ser. Desta forma, necessita do consolo que o mundo provoca, em vista dos sentidos e significados prontos, sem que seja preciso pensar sobre o existir, seu caráter de não-ser, sua finitude iminente. Consiste, portanto, na experiência de ser coisa entre coisas através daquilo que o mundo fornece pronto.

Palavras-chave: Fenomenologia. Tecnologia. Tédio.

The relationship between technology and boredom: an examination since Martin Heidegger

ABSTRACT

Our objective in the present study is to investigate how, in the philosophical line of Phenomenology, Heidegger spoke about an analytic of existence, understanding the meaning of being from the relationship with the world, where the being is launched and is affected. Based on this, he wrote about affective tones, which are linked to existence and everyday life, such as, respectively, anguish and boredom. In the midst of everyday life, Dasein is already immersed in meanings of the world that limit it as an entity, as an object. And its existence, when reduced to a thing, an object, brings the affective tone of boredom, in which the being-there ends up experiencing its time in an elongated way, as a tiring experience of itself, to the point of being unbearable to deal with its to be. In this way, it needs the comfort that the world causes, in view of the ready senses and meanings, without having to think about existing, its character of non-being, its imminent finitude, etc. It consists, therefore, in the experience of being a thing among things through what the world provides ready-made.

Keywords: Phenomenology. Technology. Boredom.

*Graduação em Filosofia pela UNIFRAN/Franca; Graduação em Teologia pela UNISAL/São Paulo; Mestrado em Filosofia pela UNESP/Marília; Mestrado em Teologia (Patrística e Escolástica) pela PUG/Roma, Itália; Docente na FIB - Faculdades Integradas de Bauru. E-mail: dilsondarocho@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9736-9039>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0985180624055814>.

**Bacharel em Psicologia pela Faculdades Integradas de Bauru (FIB).

1 Introdução

A fenomenologia existencial é uma linha da filosofia preocupada com a existência e desprendida da metafísica. Esta última sempre buscou entender as representações em torno do ser e do mundo. A fenomenologia, por seu turno, impulsionada principalmente por Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean Paul Sartre (1905-1980), buscou a compreensão dos fenômenos enquanto eles se apresentam, e não através de representações (SILVA; SANTOS, 2017). A proposta do filósofo alemão Martin Heidegger em sua obra intitulada *Ser e tempo*, que data de 1927, foi elaborar uma desconstrução dos modos de se perguntar pelo ser da tradição filosófica, modelo adotado pelas ciências naturais, em que o ser era sempre objetificado e descrito através de propriedades. Com esse procedimento, traz à luz a nadação ontológica na qual o ser está disposto afetivamente, aberto e lançado dentre suas possibilidades de ser; todavia, ele acaba absorvido pelo mundo, se tornando impróprio de si mediante a apropriação das coisas do mundo (ARAÚJO, 2013).

Com o rompimento com a metafísica, a fenomenologia surge como um método de desvelamento daquilo que a impropriedade encobriu. Nada obstante, esse exercício não objetiva que a cotidianidade seja abandonada, como se desvelá-la e tornar-se autêntico abrisse a possibilidade de se tornar outro ser, apartado do mundo. O mundo é fático, o que significa que quanto mais se busca negá-lo, mais absorvido nele se está. Então, o projeto ontológico visa tirar o ser do esquecimento, possibilitando que ele se reconheça, isto é, conheça-se mais uma vez na relação com o mundo, entendendo a efemeridade de tudo que vem ao seu encontro, inclusive de si mesmo (ZUBEN, 2011).

O *Dasein* (Ser-aí), em meio à cotidianidade, vê-se sempre ocupado, no sentido de que se encontra sempre envolto na compreensão, na relação com o mundo, tendo já aqui prementes suas possibilidades de ocupar-se com instrumentos, com entes intramundanos, desapropriando-se de sua nadação, sempre lançado no jogo do mundo, como coisa entre coisas. Destarte, passa por estados de inautenticidade, assumindo papéis que o delimitam. Isso se dá por meio da tonalidade afetiva do tédio

(ARAÚJO, 2013). Neste certame, Heidegger já reclamava a situação do homem como um funcionário.

Tudo funciona. A inquietação é precisamente essa, tudo funciona, o funcionamento acarreta um novo funcionamento, e a técnica arranca o homem cada vez mais do solo, desenraizando-o. Não sei se isso o preocupa, eu fiquei assustado ao ver as fotografias enviadas da Lua para a Terra. Já não necessitamos da bomba atômica, o desenraizamento do homem é um facto consumado. Apenas vivemos condições puramente técnicas. Hoje já não é uma terra sobre a qual o homem vive. Tive recentemente, um longo encontro em Província com René Char, como sabem o poeta combatente da resistência. Em Província, neste preciso momento, estão a ser instaladas bases de mísseis e o país é devastado de um modo inimaginável. O poeta, que certamente não podemos acusar de sentimentalismo, nem de querer celebrar um idílio, dizia-me que o desenraizamento do homem que ocorre naquela região significa o fim, se uma vez mais o pensamento e a poesia não acederem ao poder sem violência que os caracteriza (HEIDEGGER, 1988, p. 10).

Na era da técnica na qual estamos imersos, isso é expresso pelo fato da tecnologia e suas ferramentas terem se tornado o sujeito, enquanto o ser cedeu à tentação de não ter de lidar com o vazio de sua existência, já que essas ferramentas suprem o “pensar de si” e distraem a existência mais autêntica do *Dasein*, que é o não-ser. “[...] o fato de que, por conta dessa sua essência, o homem é expelido para fora de si mesmo e para além de si, não sendo de maneira alguma uma propriedade de si mesmo” (HEIDEGGER, 2009, p. 12). Desapropriado disso, não precisa pensar em sua finitude e autenticidade. Outrossim, na mundaneidade mediana é satisfatório que o ser esteja distraído e inapropriado, como meio de consolar o desespero que o vazio da existência traz (ARAÚJO, 2007).

Ocorre que, em nossa contemporaneidade digitalizada, facilmente o *Dasein* desapropria-se de si para apropriar-se de propriedades mundanas, uma vez que não suportaria o seu não-ser ontológico: por não suportar a si mesmo, apropria-se do mundo. Esse cansaço de si é uma das tonalidades afetivas fundamentais, denominada na fenomenologia heideggeriana de Tédio (BARBOSA; FELIX, 2016). Nessa tonalidade afetiva o *Dasein* é absorvido totalmente pelo mundo, de tal modo que seus atos são automatizados em sintonia com tudo que a historicidade do mundo ressoa, experimentando uma relação em que o cotidiano é uma espécie de consolo. Ele é repleto de significados e identidades: nele é possível ser o tempo todo algo e,

assim, distrair-se do fato de ser finito e não ser nada ontologicamente, de modo que aquilo que usa como rótulo é apenas um empréstimo do mundo (FEIJOO, 2019). Heidegger, com efeito, assevera que: “O *Dasein* não tem um fim aonde chega e simplesmente cessa, mas existe finitamente” (HEIDEGGER, 2015, p. 239).

Desvelar o fenômeno do tédio entendendo a inautenticidade vivida não diz respeito a uma espécie de negação em que se pretende viver desprendido do mundo, experimentando-se de modo autêntico, ligado à ontologia do ser. O desvelamento dos fenômenos do cotidiano acontece para que o ser tenha uma relação mais livre com os entes intramundanos, uma relação em que se entenda como um não-ser que, emergido no mundo, busca por alívio, processo que pode ser sempre entendido e refletido, que é o contrário de atirar-se no mundo esquecendo-se de sua condição existencial (SILVA; FREITAS, 2019).

O processo de esquecimento da condição existencial é facilitado no mundo em vista do horizonte de sentidos que ele abre, trazendo à tona significados construídos na história e repercutidos na tradição mesmo sem a necessidade de apresentação das coisas, já que se pode apenas falar sobre elas, sem que haja o contato necessário com o fenômeno. E isso sempre aconteceu a partir da alienação de cada época. Nos tempos hodiernos, a alienação acontece por meio de tecnologias que facilitam a divulgação de informações sobre todos os assuntos, onde tudo é acessível e passível de conhecimento. Nesse sentido, o *Dasein* encontra-se lançado em um contexto em que pode assumir uma infinidade de títulos e ainda divulgá-los e, com isso, ganha visibilidade e é recompensado pelo mundo, que, por enquanto, valoriza e repercute as identidades escolhidas como ideais para seguir.

As redes sociais são as maiores facilitadoras desse processo. Nelas é possível que o ser esteja ainda mais lançado e decaído no mundo, podendo a todo o momento compartilhar sobre si e suas vivências, pulando de experiência em experiência com a facilidade e a velocidade que favorecem sua promoção em meio aos outros através de rótulos (MACIEL JÚNIOR; COSTA, 2016). De qualquer maneira, é importante compreender a posição que o ser ocupa em meio ao cotidiano e a aceleração do tédio, do cansaço de si, já que executa muitos papéis que o distraem de sua condição ontológica em função de uma experiência efêmera.

Nós não queremos por fim saber dele, mas buscamos, sim, constantemente nos evadir dele. Se nós buscamos tão constantemente nos evadir dele, acabamos por alcançar aí uma má consciência. Agarramo-nos a subterfúgios propiciados pela má consciência e aquietamo-nos, tendo em vista que procuramos nos convencer de e nos demonstrar que não sabemos nada acerca dele – e que ele, portanto, não está aí (HEIDEGGER, 2001b, p. 58).

Em meio ao cotidiano tão atarefado, com instrumentos tecnológicos funcionando como facilitadores de diversos processos, urge a reflexão acerca do posicionamento do ser em meio a esses movimentos e sua desapropriação ontológica, já que se torna um “funcionário” de suas ferramentas em meio ao mundo.

2 Da desconstrução da metafísica à leitura hermenêutica de mundo

A partir de *Ser e Tempo*, Heidegger inicia uma leitura fenomenológica do mundo, propondo uma nova linguagem que pudesse dar conta da pergunta pelo ser. A despeito do projeto ter sido interrompido, hoje é possível inferir que o seu ganho foi a apreensão do ser através do tempo e fora da metafísica, esta que apenas deu conta de sua entificação, trazendo aspectos e termos causais ao invés de leituras de mundo (ROCHA, 2021). O filósofo alemão endereça, neste senso, uma crítica visceral à Descartes:

Descartes deixou sem discussão o sentido de ser e o caráter de “universalidade” desse significado contidos na ideia de substancialidade. Sem dúvida, a ontologia medieval, do mesmo modo que a antiga, questionou muito pouco o que o próprio ser designa. Assim não é de admirar que uma questão como a que se refere aos modos de significação do ser não tenha progredido, enquanto se pretender discuti-la com base num sentido não esclarecido de ser que o significado “exprime”. O sentido permaneceu não esclarecido por que foi tomado por “evidente” (HEIDEGGER, 2015, p. 36).

As reflexões levantadas pelo filósofo não têm caráter moral, não estabelecem sentidos e significados do que é bom ou ruim, porque se o fizessem cairiam na problemática da metafísica, em que muitas hipostasias foram trazidas em torno daquilo que fora chamado de consciência, de inconsciente, de mente, de psique, entre outros. Antes, Heidegger propõe uma nova linguagem para designar as experiências do ser enquanto ser, não como um objeto entificado pela tradição que determinou características para descrever modos de se comportar (SILVA, 2016).

Então o que se propõe não é entender a afinação ao tédio como boa ou ruim, pois não há caráter moral para isso. O ser constitui e é constituinte do tempo: suas afinações possuem tonalidades ônticas e ontológicas. Portanto, são fáticas, inevitáveis. No encontro com o mundo dá-se a abertura de sentidos capaz de afinar o ser, tanto para sua condição ontológica, envolvendo a nadaidade de seu ser, quanto para a condição ôntica, que reflete sua cotidianidade. No caso do tédio, justamente pelo fato do ser constituir e ser constituído pelo tempo é que a experiência do tédio se dá como uma solicitação de todas as coisas do mundo. Não há mais futuro, passado ou presente, porque o tempo presentifica-se como longo. As experiências não se diferem como boas ou ruins, pois solicitam pouco do ser-aí, tão pouco que o tempo “não passa” (SILVA; DÉCIO, 2020). Acerca da questão do tempo, temos que:

Totalmente presentes, trazemos o tempo para a estagnação. O tempo trazido à estagnação forma um vazio, que irrompe justamente sobre o pano de fundo de tudo o que se passa. É este vazio se formando, no entanto, que ao mesmo tempo nos posiciona, nos ata a si, nos atém a ele desta maneira – como um si próprio que é deixado por nós estagnado e do qual escapamos (HEIDEGGER, 2001a, p. 112).

Nessa experiência de tempo alongado o *Dasein* encontra em seu cotidiano distrações para o preenchimento desse vazio, num movimento de velamento de sua condição existencial. Por não suportar o vazio, que é constituinte de seu ser, utiliza da técnica cotidiana. E, para cada época, há uma técnica. Atualmente o que se tem é impulsionado pela internet, agilizando todas as técnicas. As técnicas anteriores talvez ocupassem mais tempo do tempo alongado (tédio). Hoje, como tudo é muito rápido, muito mais distrações são necessárias, e a internet engloba todo esse processo. Existem redes sociais diversas, pesquisas infinitas com conteúdo de todos os tipos, sendo mais fácil distrair-se por mais tempo e, assim, velar o vazio da experiência existencial (PASSOS, 2017).

3 Tonalidades afetivas

Na fenomenologia heideggeriana é explorada a ideia do pertencimento co-originário entre ser e mundo, em que a existência se dá quando o mundo se abre, no

sentido de que o ser existe na abertura de sua experiência com o mundo que ocorre na compreensão do ser. Isso acontece por meio da disposição afetiva do ser, que é o modo como ele está sintonizado ao mundo, o modo como é afetado nesta relação (COSTA; FEIJOO, 2020). As tonalidades afetivas são um fenômeno existencial fundamental, sendo mais que alterações fisiológicas, denominadas em outras linhas de pensamento como emoções, já que implicam num modo de ser do *Dasein* que revela diretamente a existência; também não são eventuais, como sentimento perante situações, mas constitutivas, enquanto maneiras determinadas do *Dasein* sentir-se. Embora com variações frente a existência, as tonalidades desvelam o existir por se apresentarem na disposição, na abertura. Então, só estamos nesta ou naquela tonalidade afetiva porque já estamos dispostos a sermos afetados pelo modo como os fenômenos se dão.

O ser-aí não está nesta ou naquela tonalidade afetiva, ele é tonalidade afetiva. Na fenomenologia existem dois tipos de tonalidade afetiva, as fundamentais e as cotidianas, em que as primeiras denotam o afeto diante do nada, do vazio da existência no contato com a finitude; e as segundas apontam para algo que é impróprio e inautêntico, como o medo, que é uma tonalidade cotidiana, por ser um medo frente a algo. Já a angústia, que é uma tonalidade fundamental, dá-se frente ao nada ontológico do ser (OLIVEIRA, 2006).

O tédio é uma tonalidade afetiva tida como cotidiana por ser afinado frente a algo, frente ao tempo, em um momento em que os afazeres terminam e o tempo é experimentado como mais longo ou demorado. No entanto, como outras tonalidades afetivas, o tédio tem suas derivações de determinações mais originárias, em que se tem o ser-aí faltante consigo e carente de “distrações” do cotidiano. O tédio é ontológico porque traz à tona o aspecto do ser não dar conta de sua existência originariamente, e precisar do mundo para suprir seu débito.

Pois exatamente isso permanece obscuro para nós: em que medida o tédio deve ser nossa tonalidade afetiva fundamental, e, evidentemente, uma tonalidade afetiva fundamental essencial. Através dessa afirmação, talvez não ressoe em nós absolutamente nada: é possível que essa afirmação não nos evoque mesmo nada. Por que será que isto acontece? Talvez não conheçamos este tédio, porque não entendemos o tédio em geral em sua essência. Talvez não conheçamos a sua essência, porque ele jamais se tornou essencial para nós. E o tédio não pode, por fim, se tornar essencial

para nós, porque ele pertence àquelas tonalidades afetivas que não apenas afugentamos cotidianamente, como também não deixamos frequentemente que nos afinem como tonalidades afetivas; mesmo quando elas estão aí (HEIDEGGER, 2006, p. 68).

É nesse ponto que a tecnologia acelera a experiência da falta que se tem quando o tempo é tão demorado que o ser demanda de ocupações para preencher o vazio existencial. Ao longo da história sempre se teve acesso às distrações. Quando não existia internet, o tédio se dava quando era preciso passar o tempo lendo ou conversando. A questão é que a tecnologia acelera todos esses processos, facilitando o entediamento. Por se ter tanto acesso, a falta de si é sentida de modo maior. Assim, se o problema é a sensação de que o tempo não passa, mesmo tendo uma ferramenta, como um celular, que garante um processamento de informações rápido e com acesso ilimitado a diversos assuntos, não demora muito para acessar o que se deseja e, por isso, uma falta se estende às outras, porque tudo é suprido rapidamente no cotidiano, mas é ainda mais debitário ontologicamente (CASANOVA, 2021).

4 A técnica ao longo da tradição e o caráter não-moral da analítica heideggeriana

Conforme mencionado, o projeto de *Ser e Tempo* foi construído por Heidegger com o principal objetivo de voltar à pergunta pelo ser, que foi a questão primeira trazida por Aristóteles. A fenomenologia é formulada em grego por *apophainesthai ta phainomena*: fazer ver a partir dele mesmo o que se mostra tal como ele por si mesmo se mostra – ou seja: às coisas elas mesmas. Nesse sentido, toda a desconstrução formulada em cima da metafísica foi realizada por meio de um critério conceitual e histórico, já que todas as formulações eram derivadas do dualismo platônico, sendo estendidas através de uma tradição que arrastava conceitos, mas não seus conteúdos. O foco no fenômeno, em seu modo de se mostrar, se dá sem o caráter moral de construir narrativas acerca do que é bom ou ruim, mas sim de seus modos de velar-se e de se desvelar (SOUZA, 2018).

No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser como lhe

sanciona a falta. Pois se diz: “*ser*” é o conceito mais universal e o mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível prescinde de definição (HEIDEGGER, 2015, p. 27, grifo nosso).

As redes sociais não são boas nem ruins, são desveladas no mundo como meios de comunicação ágeis, que velam o ser-aí por permitirem que ele esteja ocupado e distraído, sem prender-se à sua nada. Não é o objetivo da fenomenologia que o ser encontre recursos para pensar em sua ontologia e fugir do mundo, daquilo que é ôntico, porque a própria fenomenologia chama o mundo de factível, porque é inevitável (GALLINA; VENTURI, 2020). Alguns estudos assumem as redes sociais como formas do ser lidar com uma suposta solidão; no entanto, ainda sobre a facticidade, ontologicamente o *Dasein* é um ser-com. A solidão pode ser vivenciada fisicamente, entretanto, a constituição do ser é historicamente realizada por meio de outros (GORNER, 2017).

O aspecto central a destacar é que as redes sociais não são vilãs, como se o cotidiano trouxesse à tona todo o sentimento de falta no ser, porque o ser é constitutivamente indeterminado. Tudo sempre falta e haverá sempre a necessidade de preencher, e esse preenchimento pode ser feito com ou sem as redes sociais. Toda ocupação é um modo de inautenticidade, não havendo critério moral para isso, algo que assumisse – um livro, por exemplo – ser capaz de trazer à tona uma inautenticidade “melhor”. Tanto um livro quanto algo na internet possuem o poder de permitir que o ser se distraia de sua questão existencial de ser nada e preencha sua falta originária (MATTAR, 2020). Na sociedade atual a tecnologia é factível e, assim, a possibilidade aberta ao tédio possui um vínculo estrutural com nossa medida histórica, porque o modo de ser do *Dasein* no mundo se dá através dos utensílios dispostos em sua rede de sentidos e significados, e essa rede acompanha seu tempo. Em um momento digitalizado, tudo gira em torno das novas tecnologias como facilitadoras e ferramentas úteis, então, não haveria como alguém, com toda sua rede referencial preenchida por tecnologia, pensar em mandar uma carta ao invés de uma mensagem por algum aplicativo (DUARTE, 2014).

Para cada medida temporal se teve uma técnica, porque esta sempre se referiu à capacidade de criação de meios para determinadas necessidades, principalmente

de socialização. “No modo de lidar por aí, encontram-se instrumentos de escrever, de medição, de costura, carros, ferramentas. Trata-se, pois, de expor o modo de ser do instrumento” (HEIDEGGER, 2015, p. 29). Hoje as redes sociais são os veículos de comunicação mais potentes. Antes de terem o formato atual, as “redes sociais” eram a escrita e os desenhos, o correio e os telégrafos (BAZZANELLA, 2018). Logo, todo julgamento moral é também arrastado por uma tradição que dita o que é bom e ruim, certo e errado. Nas obras de Heidegger, o que se procura é pensar na técnica moderna sem se deixar contaminar por juízos previamente difundidos, mas pensando na necessidade de que haja reflexão, sem calculismo imediato (DUARTE, 2014).

5 Tédio frente ao nada: inautenticidade na era da técnica e a relação com a tecnologia

Heidegger inicia uma reflexão acerca da técnica em sua obra *A Questão da Técnica*, que data de 1954, em que discorre em uma compreensão crítica do posicionamento do homem numa era de ferramentas e instrumentos. Para ele, o homem da modernidade entende a si mesmo e ao mundo a partir da razão direta da sua capacidade de dominar e manipular o mundo e os outros. Nesta lógica da contemporaneidade, um desvelamento que se apresenta é a utilidade, ou seja, nada pode existir sem uma finalidade, perspectiva que vai contra todo o pressuposto ontológico do ser-aí. Este não é coisa, não é utensílio, é um ser que, colocado como ente, perde seu diferencial dentre as coisas, que é o de perguntar pelo si, pelo caráter de abertura para o mundo, que se torna impróprio com relação a sua condição estrutural, que é o nada, dando as costas para si. Nesta entificação do ser, a questão sobre o que é o ser, em sua diferença ontológica, permanece esquecida. Deste modo, a técnica se constitui como esvaziamento do ser. Dá-se uma condição de desencantamento, na medida em que não há meditação sobre o sentido de entes (SILVA; BARRETO, 2015).

A instrumentalização a qual o ser se submete na modernidade é notável na indústria publicitária das redes sociais, da tecnologia, que acelera o processo do ser como servo de suas ferramentas. Uma hipótese a ser levantada é a de que o tédio é uma dimensão humana ameaçada pelo atual regime de atenção, estado de

atenção/distração próprio da modernidade com o tipo especial exigido por qualquer experiência estética: a atenção contemplativa. O tédio segue o mesmo caminho, pois ele próprio também é contemplação: a contemplação do vazio (LONDERO, 2017).

[...] exemplo de tédio fornecido por Heidegger: um homem que perde o trem e agora deve esperar quatro horas pelo próximo. Inicialmente, ele tenta realizar diversos “passatempos” apenas para perceber que poucos minutos se passaram. Finalmente ele se deixa levar pelo tédio e perde completamente a noção do tempo. Mas o que aconteceria nos dias de hoje? Ele puxaria seu smartphone, colocaria uma música, se distrairia com os posts recentes ou com algum joguinho, enfim, sentiria o cansaço de esperar quatro longas horas. Ou seja, ele buscaria desesperadamente por elementos portadores de significado para preencher seu tempo, pois o tédio, para ele, é uma opção impossível ou mesmo indesejada (LONDERO, 2017, p. 92).

A afinação para o tédio se dá como uma distorção do tempo presente. O ser cansado de si encontra maneiras de se distrair, maneiras de passar o tempo, pois sua companhia e seu vazio são insuportáveis. Nesse momento tem-se um alongamento do tempo, um efeito repulsivo para o qual a saída é a evitação e distração (FEIJOO, 2011). Como um fenômeno próprio da modernidade, sem alguma causa aparente, trata-se de um estado de indiferença no qual reside uma vontade de vazio. A própria existência torna-se tediosa, uma prisão esmagadora que oprime o ser em um “tempo imóvel”, estagnado em si mesmo, no qual a vontade não encontra nada que a prenda (PASSOS; SAMPAIO, 2019).

Na cultura tecnocrática da era da técnica o ser é uma peça manipulável, vendendo sua utilidade e eficácia, seu tempo, vendendo o que é, desprendendo-se do que é próprio para uma mera finalidade, perdendo de vista o sentido de sua existência na aceleração da existência, no enclausuramento do ser em si mesmo (BORGES; SÁ, 2020). No ritmo acelerado da existência, no imediatismo o tempo é esmagado pelo tempo objetificado que é vendido pela indústria do entretenimento, especialista em “matar tempo”, uma vez que é isso que cada vez mais a sociedade do consumo procura, já que mudanças nos produtos conduzem à procura por novos produtos. Neste sentido, Heidegger explana o que segue:

Nesta situação entediante, o passatempo e o tédio se entrelaçam de uma maneira peculiar. O passatempo insere-se furtivamente no ser-entediado e recebe, estendido por toda a situação, uma abrangência peculiar; uma abrangência que ele nunca poderia ter na primeira forma, com aqueles

rompantes e aquelas tentativas inquietas. Não encontramos nada de entediante, e, entretanto, o passatempo assume uma abrangência tal que requisita para si toda a situação (HEIDEGGER, 2001b, p. 132).

O tédio é, portanto, uma desapropriação do tempo, numa cadeia em que um tempo depende de outros tempos, como uma espera pela monotonia em que há a necessidade de estar sempre preenchido, sem procrastinações, um tempo cheio de vazios alienados (PASSOS; SAMPAIO, 2019). Heidegger é assertivo quando profere, neste senso, sobre os papéis que assumimos:

Assim, a pergunta decisiva é: o que traduz o fato de entregarmos e de precisarmos além disto entregar para nós mesmos este papel? Nós nos tornamos tão insignificantes para nós mesmos que carecemos de um papel? Por que não encontramos mais nenhuma significação para nós mesmos, nenhuma possibilidade de ser essencial? Por que uma indiferença, cuja razão de ser não conhecemos, boceja em nós diante de todas as coisas? Mas quem estará inclinado a falar desta maneira, onde o trânsito mundial, a técnica, a economia se apossam dos homens e os mantêm em movimento? E, apesar disto, buscamos para nós um papel. O que acontece aí? – perguntamos novamente. É preciso primeiramente que nos tornemos cada vez mais interessantes? Por que precisamos fazer isto? Talvez porque fiquemos entediados conosco, com nós mesmos? O próprio homem teria ficado entediado consigo mesmo? Por que isto? Por fim, tudo se passa conosco de um tal modo que um profundo tédio se arrasta para lá e para cá como uma nuvem silenciosa por sobre os abismos do ser-aí? (HEIDEGGER, 2001, p. 46).

A busca é sempre por preenchê-lo, ou poupá-lo, para que se faça algo e seja “produtivo”, na opressão por desempenho. Isso é o que Heidegger chamou de vontade de querer e vontade de poder, em que toda tarefa é realizada sem sentidos que a sustente, mas necessitando ser realizada para que se continue a vontade de querer, mediante o poder que se tem na dominação dos utensílios (BORGES; SÁ, 2020). Nessa dominação dos utensílios, o ser-aí encontra-se frente a experiência que ressoa seu mundo em concordância com a temporalidade anunciada pelo utensílio. Isto porque na relação com o mundo os utensílios carregam uma historicidade que se perpetua em sua manifestação no mundo.

A temporalidade acontece na era da técnica a partir do cuidado (*sorge*) do *Dasein*, uma vez que este se comporta à frente de si mesmo culpado pelo “sido”, ou seja, o ser-aí presentifica uma espécie de passado a ser compensado. Todo comportamento é movido por essa compensação do que deveria ser e não é. E assim,

na inautenticidade proporcionada pelo mundo, o *Dasein* preenche a falta na relação com os utensílios (GORNER, 2017). Dessa maneira, a temporalização é a essência do cuidado, como uma “projeção” de um suposto futuro mediante a uma história do que poderia ter sido. Aquilo que vem ao encontro no aí se presentifica diante de uma expectativa do porvir, que é a temporalidade daquilo que vem a ser (CASANOVA, 2019).

No que se refere ao débito ou culpa do ser-aí, é possível afirmar que as redes sociais trazem essas estruturas originárias com muita força, uma vez que a relação com as mídias sociais garante acesso não às experiências, mas às experiências de uma determinada experiência (PONDE, 2017). Isso se dá por meio da tradição que arrasta significados, mas não experiências; porém, por meio das redes sociais a tradição se digitalizou e agilizou esse processo (SILVA *et. al.*, 2021). A esse processo, Heidegger nomeou de falatório, em que se fala sobre as coisas do mundo e nada se diz, por ser apenas reprodução dos sentidos e significados, sem que aconteça uma nova articulação desse campo semântico através da abertura de possibilidades na experiência existencial. Assim, as redes sociais, por meio de diversos falatórios em diversos assuntos, possibilitam que cada vez mais o ser esteja preso, não a ela, mas em seu tédio, já que a afinação ao tédio e ao cansaço de si solicita uma ocupação. É aí que as redes sociais fazem morada, uma ocupação de fácil acesso às informações (FABRETTI, 2017).

6 Considerações Finais

A proposta da fenomenologia existencial é compreender os fenômenos dispostos na existência. Em *Ser e Tempo* é feita uma importante análise em torno do ser, já que na linha da obra de Heidegger o ser nunca é algo, mas sempre está, sempre está posicionado na existência e adepto de sentidos do mundo. Estando em constante débito com o mundo, não possui nada seu além de seus existenciais, voltados para sua condição de finitude, e o não-ser.

Partindo disso, vê-se o “desespero” do *Dasein* de permanecer na condição de inautenticidade, apropriado e absorvido pelo mundo, pois sem isto, estaria em estado de angústia, que é sempre frente ao nada do existir. Por não ser e não ter nada, o ser

ocupa-se no mundo, existe em meio a distrações que o distanciam do contato com o real.

A tecnicidade da era moderna facilita o processo de inautenticidade do ser, que serve de utensílio para as tecnologias que tem em sua mão. Seu tempo, seu trabalho, seu lazer são cronometrados pela máquina; tudo é facilmente vendido e comprado na tecnologia: vendem-se sensações e experiências para conseguir satisfações que compensem o desespero do vazio, já que, ocupado, o ser não precisa pensar sobre sua finitude, estando como um ente em meio a outros entes.

Dessa maneira, o intento deste estudo não foi buscar um modo diferente do ser se posicionar, ou mesmo um modo de abandonar a tecnologia, mas promover a reflexão. O ser é autêntico dentro de sua capacidade de se olhar como finito e determinado pelo mundo. Não há como viver de modo próprio, no entanto, é possível dar-se conta do real a todo o momento.

Enfim, entendeu-se as interações entre tecnologia e o ser do homem para compreensão da relação do ser com a tecnologia e seu modo de ser afetado diante do tédio. Outrossim, o tédio é um afeto dentre os demais, afinação desencadeada pelas ferramentas tecnológicas capazes de acelerar e facilitar esse afeto tão característico da busca por preenchimento do vazio que é constitutivo do ser.

Referências

ARAUJO, P. A questão do ser em geral em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**. Juiz de Fora, v. 2, nº15, dez./2013, p. 50-64.

ARAUJO, P. Nada, angústia e morte em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**. Juiz de Fora, v. 10, nº 2, dez./2007, p. 1-15.

BARBOSA, R.; FELIX, W. A Mundanidade do mundo em Heidegger. *In: Anais do XXV Encontro Anual de Iniciação Científica*. Universidade Estadual de Maringá, 2016.

BAZZANELLA; S. A questão da técnica em Heidegger e o impacto sobre as formas-de-vida. **Revista Poiesis**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 1, 2018, p. 247-266.

BORGES, J.; SÁ, R. Gerenciamento do tempo na era da técnica: reflexões à luz do pensamento heideggeriano. **Phenomenology, Humanities and Sciences**. Londres, v. 1, nº 1, 2020, p. 177-198.

CASANOVA, M. Do tédio superficial ao primeiro nível de aprofundamento do tédio: A tarefa da preleção. *In*: CASANOVA, M. **Tédio E Tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. p. 35-53.

CASANOVA, M. Mundo como correlato intencional do existir: Para uma fenomenologia-hermenêutica. *In*: CASANOVA, M. **Mundo e Historicidade: Leituras fenomenológicas de ser e tempo**. Volume 1: Existência e Mundaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017. p. 47-212.

CASANOVA, M. Tédio e Técnica: Da ruptura radical do laço estrutural entre o ser-aí humano e seu campo existencial. *In*: CASANOVA, M. **Tédio E Tempo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. p. 83-94.

COSTA, P.; FEIJOO, A. Daseinsanálise e a tonalidade afetiva do tédio: diálogos entre Psicologia e Filosofia. **Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 16, nº 3, 2020, p. 317-328.

DUARTE, A. Heidegger, da realidade virtual ao pós-humano. *In*: DUARTE, A. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: GEN, 2014. p. 182-204.

DUARTE, A. Subjetivismo moderno, voluntarismo e abuso tecnológico do ente na totalidade. *In*: DUARTE, A. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: GEN, 2014. p. 13-43.

FABRETTI, E. Engajamento e falatório: das redes sociais à filosofia. **Aoristo**, Toledo, v. 2, nº 1, 2017, p. 216-230.

FEIJOO, A. A tonalidade afetiva do tédio. *In*: FEIJOO, A. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019. p. 173-174.

FEIJOO, A. Da consciência intencional em Husserl à desconstrução da subjetividade moderna em Heidegger. *In*: FEIJOO, A. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011. p. 44-55.

GALLINA; J. VENTURI; A. Redes sociais e existencialismo: uma perspectiva fenomenológica sobre o Ser. **Interciência & Sociedade**, Mogi Guaçu, v. 5, nº 2, 2020, p. 37-50.

GORNER, P. Ser-com. *In*: GORNER, P. **Ser e Tempo: Uma chave de leitura**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. p. 70-85.

GORNER, P. Tempo e Ser. *In*: GORNER, P. **Ser e Tempo**: Uma chave de leitura. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. p. 175-195.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schubak. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001a.

HEIDEGGER, M. **Interrogé par Der Spiegel, Réponses et Questions sur l'Histoire et la Politique**. Tradução de Alexandre Marques. Paris: Mercure de France, 1988.

HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001b.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LONDERO, R. "Bem-vindo à próxima fase": a cultura do choque e o fim do tédio. **Ação Midiática**. Curitiba, n.14, jul./dez. 2017, p. 293-305.

MACIEL JÚNIOR, G.; COSTA, M. O modo de ser-no-mundo virtual: o Dasein e o Facebook. **POLÊMICA**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, fev./2016, p. 95-121.

MATTAR, C. Depressão, tédio e técnica moderna: contribuições da fenomenologia-hermenêutica. **Ecos**, Campos dos Goytacazes, v. 10, n. 2, 2020, p. 196-207.

OLIVEIRA, B. **Tonalidade afetiva e compreensão de si segundo a analítica existencial de Martin Heidegger**. 118f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Rio de Janeiro, 2006.

PASSOS, F. C. O. Técnica moderna e sociedade de controle: um breve diálogo entre Martin Heidegger e Gilles Deleuze. **Revista Lampejo**, Fortaleza, v. 6, nº 1, 2017, p. 66-85.

PASSOS, M.; SAMPAIO, M. O tédio como fenômeno cultural: aspectos do mal-estar do homem moderno. *In*: BORGES, I.; PÓ, G. (Orgs.). **Psicologia clínica na saúde: saúde, educação e cultura**. Curitiba: CRV, 2019.

PONDÉ, L. F. Marketing existencial e mídias sociais. *In*: PONDÉ, L. F. **Marketing Existencial**. São Paulo: Editora três estrelas, 2017. p. 162-165.

ROCHA, D. B. A técnica como metafísica moderna: um estudo desde Heidegger. **InconΦidentia: Revista Eletrônica de Filosofia**, Mariana, v. 5, nº 10, jul./dez. 2021, p. 87-98.

SILVA, E.; BARRETO, C. Uma compreensão do contemporâneo a partir do diálogo com o pensamento de Martin Heidegger. **Griot Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 11, nº 1, jun./2015, p. 289-299.

SILVA, E.; SANTOS, S. Fenomenologia existencial como caminho para pesquisa qualitativa em Psicologia. **Revista Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 9, nº 3, dez./2017, p. 110-126.

SILVA, F. Da indicação dos problemas da metafísica para a metafísica como problema: uma discussão heideggeriana. **Revista Natureza Humana**. São Paulo, v. 18, nº 2, dez./2016, p. 160-187.

SILVA, M. *et. al.* O movimento filosófico da fenomenologia e sua visão de homem. **Guairacá Revista de Filosofia**, Guarapuava, v. 37, n. 1, p. 196-208, 2021.

SILVA, N. FREITAS, J. “A questão da técnica” em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 11, nº 1, jan./abr. 2019, p. 137-156.

SILVA, R.; DÉCIO, R. Um olhar fenomenológico sobre as crises existenciais na contemporaneidade. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, Brasília, v. 8, nº 1, 2020, p. 285-305.

SOUZA, A. O conceito de fenomenologia de Martin Heidegger em ser e tempo. **Revista Primordium**. v. 3, nº 6, jul./dez. 2018, p. 1-23.

ZUBEN, N. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, nº 2, 2011, p. 85-102.

Recebido em: 18.08.2022.
Aprovado em: 12.09.2022.